



# A EVOLUÇÃO DO RISCO

© Maio 2017, Magda Stepanyan, Risk Society

[info@risk-society.com](mailto:info@risk-society.com)

O conceito de risco evoluiu um longo caminho desde a sua origem no final da Idade Média, até a forma como o risco é entendido hoje. **Quatro etapas principais do desenvolvimento evolutivo** podem ser identificadas:

1. Risco como **perigo objetivo** que reside no mundo natural. Originando no final da Idade Média, essa noção de risco é semelhante à do perigo, envolvendo desastres naturais, fome, terremotos, furacões, pragas e assim por diante.
2. Risco como **acidente**, o que é inevitável na busca do progresso econômico. Ganhando ímpeto no século 19, essa ideia de risco incluiu perigos e riscos decorrentes de processos industriais e considerou a falha humana como a causa de possíveis perdas e danos.
3. Risco como **fenômeno social** decorrente das relações entre seres humanos. No final do século 19, o risco era visto como nem um fenômeno externo nem o resultado de uma falta de conduta. Em vez disso, o risco foi percebido como socialmente construído e politicamente carregado, proveniente das decisões tomadas pelas pessoas, deliberadamente ou inconscientemente. Esse risco é difícil de racionalizar e definir com precisão em termos de probabilidade, consequências, compensação e responsabilidade. O risco foi visto como parte integrante da vida humana: a multiplicidade de incertezas que nos cercam como indivíduos, organizações ou sociedades moldam o cenário de risco de ameaças e oportunidades.
4. Risco como um "**grande desafio**" global. Hoje, o conceito de risco inclui mega riscos que podem afetar toda a humanidade, comprometer o desenvolvimento sustentável e até mesmo pôr em perigo a nossa existência. Os mega riscos incluem mudanças climáticas, rupturas críticas das infraestruturas, etc. Uma das principais características é que os mega riscos prejudicam as relações de causa e efeito em nossa sociedade globalizada e altamente interdependente. Essa ruptura pode ocorrer em várias dimensões através de gerações, áreas geográficas, setores e instituições. Isso pode criar um "efeito borboleta" que muitas vezes escapa à nossa atenção. Um exemplo recente e proeminente é a crise financeira global que provocou uma onda de riscos em cascata em regiões, setores e indústrias geográficas. Compreender o "efeito borboleta" poderia nos ajudar a ver como o risco se propaga e identificar sinais iniciais de potenciais mega riscos.

**Essa evolução em nossa compreensão do risco afetou a maneira como os riscos foram gerenciados na prática.** É importante notar que cada novo estágio evolutivo não cancelou o anterior. Em vez disso, abriu novos horizontes na compreensão de profissionais de risco e orientados para gerenciar riscos adequadamente. O desafio para nós agora é poder definir qual noção de risco é aplicável para cada caso prático. Por exemplo, a forma como gerenciamos os riscos em situações não complexas (simples ou complicadas) baseia-se em conceitos simples de risco, mas situações complexas precisam de uma abordagem diferente.

- Em *situações simples ou complicadas* como sistemas técnicos, a tomada de decisão confiável baseada em risco pode ser baseada em uma compreensão mais linear do risco. Isso inclui as ideias de risco como perigo ou acidente.
- Em *sistemas complexos*, como projetos, organizações, sociedade, nação ou relações internacionais, é fundamental compreender as dimensões políticas do risco decorrentes de relações complexas e evolutivas de causa e efeito. Aqui, precisamos abordar o risco como um fenômeno social ou a nível global, onde o efeito de ondulação geralmente se prolonga além de impactos meramente locais. Isso exige a adoção de uma abordagem mais flexível para identificar e gerenciar o risco, respondendo por uma ampla variabilidade daqueles que contribuem e os afetados por um risco.

Compreender esses diferentes conceitos de risco nos ajudará a combinar a abordagem de risco com a situação em que nos enfrentamos, nos permitindo gerenciar o risco com mais eficiência.